

## **UMA LEITURA PSICANALÍTICA DO *CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS*, DE ISABELA FIGUEIREDO**

A psychoanalytical reading of the *Caderno de memórias coloniais*, by Isabela Figueiredo

Rejane Vecchia da Rocha e Silva<sup>1</sup>  
<https://orcid.org/0000-0003-4851-7298> 

Vima Lia de Rossi Martin<sup>1</sup>  
<https://orcid.org/0000-0002-8533-475X> 

<sup>1</sup>Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, São Paulo, SP, Brasil. 05508-220 – [celp@usp.br](mailto:celp@usp.br)

**Resumo:** O presente artigo pretende construir uma leitura crítica de *Caderno de memórias coloniais*, de Isabela Figueiredo, a partir das potenciais imbricações entre literatura e psicanálise, focalizando a constituição da subjetividade da autora principalmente a partir da relação com seu pai. O testemunho que emerge ao longo do romance revela tanto os entraves e as ambivalências presentes nessa relação – marcada por desejo e culpa, amor e ódio – como também as circunstâncias em que isso ocorre, ou seja, em meio às contradições que marcam a conjuntura social de Moçambique. Nesse sentido, o posicionamento político-ideológico do patriarca da família, um colono português aderido a perspectivas raciais, sociais e de gênero bastante opressoras, acaba por incidir nas complexas relações estabelecidas dentro de seu próprio núcleo familiar e revelar o modo de organização da estrutura social moçambicana no período de vigência do Estado Novo português. Assim, a partir de uma experiência socialmente vivida dentro das lógicas do colonialismo português, emerge a autoanálise da autora, uma revisão crítica do passado imprescindível para então poder seguir adiante.

**Palavras-chave:** Isabela Figueiredo; *Caderno de memórias coloniais*; Literatura; Psicanálise.

**Abstract:** The present article intends to build a critical reading of *Caderno de memórias coloniais*, by Isabela Figueiredo, from the potential imbrications between literature and psychoanalysis, focusing on the constitution of the author's subjectivity mainly from the relationship with her father. The testimony that emerges throughout the novel reveals both the obstacles and ambivalence present in this relationship – marked by desire and guilt, love and hate – as well as the circumstances in which this occurs, that is, amid the contradictions that mark the social situation of Mozambique. In this sense, the political-ideological positioning of the patriarch of the family, a Portuguese settler adhering to quite oppressive racial, social and gender perspectives, ends up affecting the complex

relationships established within his own family nucleus and revealing the way in which the Mozambican social structure was organized during the period of the Portuguese *Estado Novo*. Thus, from an experience socially lived within the logics of Portuguese colonialism, the author's self-analysis emerges, a critical review of the past essential to then be able to move forward.

**Keywords:** Isabela Figueiredo; *Caderno de memórias coloniais*; Literature; Psychoanalysis.

*Toda a história do sofrimento clama por vingança e exige o relato.*  
Paul Ricoeur

Publicado inicialmente em Portugal em 2009, o *Caderno de memórias coloniais*, romance autobiográfico de Isabela Figueiredo, ganhou em 2018 uma versão brasileira. Essa última edição foi ampliada com novos capítulos e quatro paratextos, sendo que dois deles, assinados pela própria autora, esclarecem aspectos significativos da composição da obra e indicam caminhos de leitura que, como se verá adiante, serão mobilizados para a análise da narrativa.

Em linhas gerais, o texto de Isabela Figueiredo, que se reconhece como portuguesa, focaliza suas experiências infantis vividas em Maputo, antiga Lourenço Marques, nos anos que antecederam a conquista da independência pelos moçambicanos em 1975. Filha única de um casal de colonos portugueses de origem pobre – a mãe era dona de casa e o pai era eletricitista –, a menina vai se constituindo como sujeito em um espaço irremediavelmente cindido entre os valores e o modo de vida dos colonizadores e os valores e o modo de vida dos colonizados.

Nesse contexto social e cultural extremamente hostil, marcado por violência material e simbólica, o conflito maior de Isabela se estabelece em relação ao pai. Figura forte e autoritária, ele personifica o próprio poder colonial, patriarcal e racista, constituindo-se como objeto do amor e do ódio da filha. A própria autora, ao comentar o teor de seu relato, nas “Palavras prévias” que abrem o romance, afirma:

[...] o *Caderno* transcende as questões de poder colonial, racial, social e de gênero, transformando-se também, numa narrativa de amor filial conturbado e indestrutível. Segue o percurso sensual e iniciático da menina que descobre o seu corpo e os alheios. É uma história de perda, na qual uma rapariga cujo percurso autônomo se adivinha, sente e mostra a necessidade de desenvolver a resistência máxima, e de crescer depressa, para garantir a sobrevivência [...]. (FIGUEIREDO, 2018a, p. 9)

Questões centrais para a escrita do livro e para a psicanálise podem ser identificadas no trecho acima: o amor conturbado e indestrutível da filha pelo pai; a descoberta sexual infantil; e a experiência da perda como constituinte da subjetividade humana. A autora parecer saber (adivinhar, sentir) que resistir e crescer – sempre mais depressa do que desejaríamos – são processos complexos e dolorosos que, de algum modo, garantem a nossa sobrevivência psíquica.



Note-se que a escrita do *Caderno* ocorreu depois da morte do pai da autora. Vivendo em Portugal, para onde fora enviada aos treze anos, logo depois da independência de Moçambique, Isabela se lançou, já adulta, num processo de rememoração e ressignificação das experiências vividas na infância. Escrevendo de maneira direta e metafórica, a autora utiliza o corpo como principal argumento na construção de si mesma, como se pode observar na primeira frase das “Palavras prévias”: “No princípio eu era de carne e estava na terra” (FIGUEIREDO, 2018a, p. 7)

O relato, dedicado ao pai, figura que ela reiteradamente diz trair com a sua escrita, é uma espécie de autoanálise de seu próprio processo de subjetivação. Uma análise que, ao levar à reconciliação com a figura paterna, possibilita que a autora se repositone diante de sua história, abrindo-se para eventuais experiências de liberdade até então inimaginadas. O capítulo final do romance, em que ela se dirige a si mesma, revela esse movimento e, ao retomar a aproximação entre corpo e terra, dialoga com o trecho inicial destacado acima:

Cap. 51: Caiu a noite sobre todas as coisas que nascem da terra, que tocam a terra, que confinam os seus limites. Tu estás sobre a terra. Quero dizer, revolves-te nela. Estendes-te o teu corpo ao comprido entre os arbustos, quieta, sentindo comichão pelos insetos que deixas subirem-te os braços, sorvendo o odor enjoativo do chão, agora em repouso, o odor acre das folhas que a frescura da noite humedeceu. Era isto que querias. Este cheiro. Sentas-te. Sorris. [...]. A noite caiu longa, e a noite é o teu dia. Vais adaptar-te. Uma vida tem muitas vidas, tu sabes. É a primeira noite que dormes na rua. Que não tens cama. Estás eufórica. Como vai ser a tua primeira noite? A que casa regressarás? Quanto tempo permanecerás sobre a cova onde o teu passado apodrece? Não devias pisar a tua campa. Para onde vais? Para onde vais, agora? (FIGUEIREDO, 2018a, p. 170-171)

### **Um caderno de memórias ou a narrativa de um complexo**

Segundo Laplanche, Freud designa por “complexos”, os “conjuntos organizados de representações de fantasias, afetos e moções pulsionais.” (LAPLANCHE, 2005, p. 281). Nesse sentido, a história contada no *Caderno* pode ser lida como a narrativa do complexo constitutivo da subjetividade da autora. São inúmeros os paralelos que surgem entre a obra freudiana e o relato poético, e por vezes irônico, de Isabela Figueiredo. Ler o seu texto sob uma perspectiva psicanalítica revela desdobramentos dignos de apreciação, alguns dos quais serão tratados a seguir.

A infância da autora é retratada a partir de uma das mais polêmicas e revolucionárias teorias abordadas por Freud: a da sexualidade infantil. A menina que cresce em Lourenço Marques não é a criança-quimera, inocente, de imaginação fértil e corpo estéril. Ela é fértil por inteiro e seu corpo pulsa. Pulsa a partir do corpo do pai, descrito repetidamente, de maneira sensual e sinestésica:

Cap. 34: [...] o corpo doce, doce, ácido, suado do meu pai, o corpo querido

do meu pai [...]. (FIGUEIREDO, 2018a, p. 129)

Cap. 47: Redondo, macio, arranhado, o corpo do meu pai dava-se ao riso, às cócegas, ao meu corpo. (FIGUEIREDO, 2018a, p. 160)

Cap. 47: Lembro-me do cheiro a suor de seu pescoço. Suor de homem. Denso. Da massa enorme que era seu corpo, tão segura, tão certa. Sentar-me ao seu lado, ao seu colo, às suas cavalitas. O corpo do meu pai era um trono. O corpo do meu pai era bom. (FIGUEIREDO, 2018a, p. 162)

O corpo do pai é central na construção da sexualidade da menina, pois é principalmente através dele que Isabela tem o próprio corpo erogenizado. Através do contato com as texturas, cheiros, sabores do corpo do pai, ela vai aos poucos assimilando o mundo e o prazer de estar no mundo. É um prazer perverso-polimorfo – termo cunhado por Freud em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) – característico da sexualidade infantil: aquela cuja meta não é o ato sexual *normal* (perversa) e que ocorre através das diversas zonas erógenas, sem predileção por nenhuma delas (polimorfa).

A mãe fica excluída dessa cena. Mulher branca, cumpria obrigações. Estava aprisionada pela imposição da castidade. No universo do colonialismo, o único sexo permitido a uma branca era o procriativo: “Uma branca não admitia que gostasse de foder, mesmo que gostasse [...]. Uma branca cumpria a obrigação.” (FIGUEIREDO, 2018a, p. 40)

Sendo assim, após o término da amamentação – processo iniciático que, para a psicanálise, contribui enormemente para a instauração do corpo pulsional do bebê – as obrigações da mãe de Isabela eram outras. Se ao pai era permitido explorar a própria sexualidade, inclusive com as mulheres moçambicanas que ele assediava, à mãe era delegada a função de reprimi-la – em si e na filha:

Cap. 47: O corpo da minha mãe era geométrico e seco. Não tinha autorização para lhe tocar. No corpo da minha mãe apenas me interessava o seu peito grande e mole. Que delícia haveria de ser ter autorização para lhe mexer, mamar, chupar por todo o lado. Apalpar com força. Sacudia-me, está quieta. Tocar na minha mãe era uma atitude pouco própria. O corpo do meu pai, pelo contrário, sólido, redondo, disponível, revelava-se uma colina cheia de arbustos e vegetação à qual podia trepar, e sentir, cheirar, beliscar, morder. Puxava-lhe os pelos, as unhas. (FIGUEIREDO, 2018a, p. 161-162)

Essa oposição é identificada por Freud no texto *Sobre a sexualidade feminina* (1931) como uma das principais causas da mudança de objeto no Édipo feminino: a menina abandona a mãe, castrada e castradora, para seguir em direção ao pai, portador do falo. Se, atualmente, essa associação imediata entre mulher e castração (ou entre homem e falo) torna-se cada vez menos óbvia, nas memórias de Isabela, ela é evidente. A mãe, preocupada em forjar na filha a imagem de uma princesa, sufocava-lhe os sentidos; enquanto isso, o pai os estimulava, proporcionando momentos de prazer e liberdade:

Cap. 7: Ao domingo, a minha mãe calçava-me sapatos fechados de verniz, com fivela. Enfiava-me, pela cabeça, vestidos confeccionados por si com tecidos duros, ásperos, [...] que me picavam o braço e o corpinho todo. Calçava-me boas meias brancas, de renda. Todo um guarda-roupa de princesa sob um calor úmido de trinta e muitos graus. Uma princesa na picada, rodeada de mato. (FIGUEIREDO, 2018a, p. 54)

Cap. 18: Essa tarde era feliz: iríamos [Isabela e o pai] passear no Zambi, levar-me-ia a comer iogurtes à Baixa, ou talvez fôssemos petiscar moelas ao Sabié. Deixar-me-ia bebericar cerveja do seu copo. [...] Soltar-me-ia a mão, e eu poderia correr, e respirar sozinha, sem cercas, um pouco – respirar fundo, respirar o ar agridoce de catinga, pólen e amendoim torrado [...]; ninguém iria roubar-me nem molestar-me, [...] o meu pai estava ali, e as suas mãos eram como patas de urso. (FIGUEIREDO, 2018a, p. 82)

A presença do pai, homem branco, colono, com seu corpo “sólido, redondo, disponível” e suas “patas de urso”, garantia que a filha pudesse “correr e respirar sozinha, sem cercas”. No alto, sentada sobre os ombros paternos, a menina ocupava o corpo-trono de maneira privilegiada. Não havia competição. Não havia o que mais desejar. Desejava-o e se sentia desejada. Pertencia. Isso bastava:

Cap. 18: [...] disse ao meu pai, “sei ler”. Sorriu-me, “és o meu tesouro”. Não disse, pensou, “és tudo para mim”. (FIGUEIREDO, 2018a, p. 81)

Cap. 26: O meu pai estava feliz. Eu estava feliz. [...] Sorria porque era dele. (FIGUEIREDO, 2018a, p. 100)

Cap. 27: Sentia-me uma pessoa. Sentia-me uma mulher. A sua alma gémea. (FIGUEIREDO, 2018a, p. 101)

A percepção de Isabela sobre a relação entre o pai e a mãe pouco aparece na narrativa. Quando aparece, é sob a forma de indagações e hipóteses que têm uma função dupla de elucidar os fatos e, ao mesmo tempo, evitar seus aspectos mais incômodos. Freud, nos mesmos *Três ensaios*, caracterizou essa atividade como a pesquisa sexual infantil, uma pulsão de saber (*Wisstrieb*) que é atraída pelo que ele chama de *problemas sexuais*: de onde vêm os bebês, a diferença anatômica dos sexos, como ocorre o nascimento, o que é o ato sexual. Em determinada passagem, Isabela conjectura a respeito do ato sexual entre os pais, num claro exemplo dessa pesquisa – particularmente o que Freud chamou de *concepção sádica do intercuro sexual*:

Cap. 3: [...] A certa altura da noite percebi que os meus pais fechavam a porta do quarto e a minha mãe parecia chorar. Houve uma noite em que me levantei, lhes bati à porta e disse, aflita, “para de fazer isso à mãe”. Não sabia o que faziam para que a minha mãe sofresse tanto, mas não queria que acontecesse, muito menos sob as mãos do meu pai, e percebia que o que quer que fosse, se era à porta fechada, não podia ser sadio. (FIGUEIREDO, 2018a, p. 37-38)

Essa passagem aciona outra questão medular à narrativa: a violência paterna. Se o pai, às vezes, era essa figura generosa e sedutora, que franqueava à menina a experiência da própria sexualidade havia também outra face desse poder arrebatador. Sua onipotência, ao mesmo tempo em que era garantia de proteção e segurança, gerava uma sensação de impotência e vulnerabilidade:

Cap. 3: Quando o meu pai me levantava no ar como se fosse uma coisa, [...] sentia-me fraca perante a força total, dominada, possuída por ela. (FIGUEIREDO, 2018a, p. 37)

Cap. 27: Muito grande e muito poderoso como um rei-gigante, a sua presença me protegia de todos os medos irracionais. (FIGUEIREDO, 2018a, p. 101)

Através dessa força, descomunal aos olhos da criança, o pai impunha violentamente a sua própria ordem ao mundo: a ordem do colonialismo e do patriarcado. A narrativa traz diversos exemplos da truculência utilizada para explorar e oprimir os negros, por meio da humilhação e da força bruta:

Cap. 15: [...] Eu ficava fora, abraçada ao meu peito, no meio das galinhas, dos filhos descalços do preto, da preta, dos outros pretos todos da vizinhança que tinham visto o branco e vinham saber.

O meu pai gritava lá dentro e, aos safanões, trazia-o para fora, atordoados ambos. Segunda, vais trabalhar, ouviste? [...] Vais trabalhar para a tua mulher e para os teus filhos, cabrão preguiçoso. Queres fazer o que da vida? Safanão. Soco. E a mulher e os filhos e o bairro todo, e eu, estávamos ali, imóveis, paralisados de medo do branco. (FIGUEIREDO, 2018a, p. 76).

De maneira semelhante, proíbe a sexualidade da filha – a mesma sexualidade que, em contrassenso, vertia nela. A passagem a seguir é ilustrativa. Deu-se quando a autora “tinha os tais sete ou oito anos” e resolveu “brincar de foder” com Luisinho, um vizinho de idade próxima, numa construção inacabada:

Cap. 5: “Queres jogar a foder?”. Jogar a foder?! Ora aí estava uma brincadeira que não conhecia, [...] Devo dizer que o Luisinho tinha também apenas uma vaga ideia, [...] Despimo-nos completamente, eu deitei-me sobre a terra, exatamente como nos ensinavam que se devia dormir, pernas e braços bem direitos, o Luisinho deitou-se nuzinho sobre mim, exatamente como nos ensinavam nos livros da escola que se devia dormir, e ali ficámos alguns minutos, nessa posição de difícil equilíbrio, conversando e “fodendo”. [...] num ápice apercebo-me da figura do meu pai, oh, meu Deus, o meu pai, estou a vê-lo, [...] Levantei-me, derrubando o Luisinho, e agarrando a minha roupa. [...] Segundos antes da pancada, tinha já a certeza absoluta de que foder era proibidíssimo. (FIGUEIREDO, 2018a, p. 49).

A partir desses eventos, vemos surgir em Isabela um sentimento ambivalente, uma confusão emocional, um estado de perplexidade que em última instância é o motivo pelo

qual escreve o livro décadas mais tarde. Ao lado do amor e da admiração caminhavam também a repulsa, o medo, a vergonha, o ódio em relação ao pai. Vejamos a continuação dos dois últimos trechos citados, respectivamente:

Cap. 15: E o homem branco que me levava pela mão voando, atravessa o caniço veloz, procura a Bedford estacionada lá fora, senta-se, põe o motor a trabalhar, arranca, olha para mim, então, estás cansada, queres ir beber uma Coca-Cola? [...] Olho-o, não respondo. Aquele homem não é o meu pai. (FIGUEIREDO, 2018a, p. 77).

Cap. 5: Senti durante muito tempo as violentas bofetadas do meu pai a arder no rosto e os golpes que espalhou pelo meu corpo; rosto, braços, nádegas, costas, pernas. Onde caísse. Foi bruto. Depois fechou o meu braço nas suas poderosas garras e fez-me voar para dentro do nosso quintal, onde me largou e pude fugir em direção ao meu quarto, contendo as lágrimas, ardendo, humilhada, pensando que a minha vida acabava ali. Pior que a dor da pancada era a da humilhação por ele ter me visto foder, me ter apanhado no pior dos pecados. [...] (FIGUEIREDO, 2018a, p. 50).

A conturbada relação de Isabela com o pai, que revela a ambivalência dos vínculos existentes entre eles, parece atingir seu ápice justamente no momento de sua partida para Lisboa, no início da adolescência. O difícil momento da despedida culmina no “segundo parto” da escritora, quando o pai a empurra para a porta de embarque do avião que deixava Maputo dizendo:

Cap. 35: [...] “Não te esqueças do que tens de contar. Agora és uma mulher. Já és uma mulher. Está tudo nas tuas mãos.”  
“Coragem. Não te esqueças de contar a verdade!” (FIGUEIREDO, 2018a, p. 130).

Essa fala encerra o paradoxo que propõe e esmaga a menina ao mesmo tempo. A coragem que ele convoca na filha é herança direta da relação dos dois. O que não sabia – ou será que sabia? – é que a verdade de ambos não era a mesma. Isabela repete inúmeras vezes para si mesma – e para os leitores – que o livro é uma traição em relação ao pai. “Nunca entreguei a mensagem de que fui portadora.” (FIGUEIREDO, 2018a, p.132). De fato, ela falha em entregar a mensagem dos colonos sobre a realidade moçambicana e a guerra de independência no país. Corajosamente, decide contar a sua própria versão. Trai ao mesmo tempo em que obedece o pedido literal que lhe foi feito: o *Caderno* é o seu ato de coragem que revela a verdade. A única de que tinha conhecimento: era contra o colonialismo e contra a violência racista exercida pelo pai.

Vamos além. No mesmo capítulo em que narra a grande separação – separa-se do pai, do corpo do pai, da terra natal, da infância – Isabela cita outra fala dele que é carregada de sentido: “não te esqueças, rapariga: vais estudar para seres uma mulher” (FIGUEIREDO, 2018a, p. 131). Para entender melhor, retomaremos o seguinte diálogo que já havia sido travado entre ambos:

Cap. 27: [...] “Tens de ter uma profissão que te permita viver a tua vida, [...] sem depender de nenhum homem! Sem estares às custas de ninguém. Tens de ser dona da tua vida. Tens de ser livre. Compreendes?”  
“Compreendo.”  
“Para isso tens de estudar, tens de ir para universidade!”  
“Sim. Eu vou”. (FIGUEIREDO, 2018a, p. 102).

As frases impositivas que a escritora atribui à figura paterna apontam direções inconciliáveis que vão ficando claras ao longo da leitura. Ele comunica de maneira muito direta a meta estabelecida para a filha – a liberdade – e a ferramenta que acredita ser necessária para atingi-la – o estudo. Mas há contradições implícitas que demandam solução, pois ser uma mulher e ser livre era impossível na Lourenço Marques onde viviam. Além do mais, os modelos femininos de Isabela nem de longe dialogavam com as expectativas paternas.

Assim, os desejos que o pai projetava na filha eram ao mesmo tempo um presente e um fardo. Para ser uma mulher livre, Isabela seguiu o conselho paterno: estudou. Estudou e se tornou professora e escritora. Rebelou-se contra os grilhões do colonialismo e compreendeu que eles também a acorrentavam. Combateu com suas palavras corajosas o sistema que o pai representava e, ao fazê-lo, inevitavelmente, sentiu a angústia de odiar a pessoa que amava:

[...] custa ser de alguém a quem se deve uma fidelidade sem limites, mas não absolvemos na nossa consciência.  
Recebi todos os discursos de ódio do meu pai. Ouvei-os a dois centímetros do rosto. Senti-lhe o cuspo do ódio, que custa mais que o cuspo do amor, e enfrentei, olhos nos olhos, a sua raiva, a sua frustração, a sua tão torpe ideologia. Ouvindo, não disse nada, nem um assentimento, nem um músculo se mexeu, e eu, inteira, era um sólido não. (FIGUEIREDO, 2018a, p. 144-145).

Para que Isabela pudesse absolver o pai foi necessário, antes, sentenciá-lo por seu crime de ódio e, finalmente, matá-lo. Simbolicamente. Em seu lugar, é possível pensar que a filha ergue uma espécie de totem: o *Caderno de memórias coloniais*. O livro, registro de toda a ambivalência afetiva nutrida em relação ao pai, materializa a traição filial e, simultaneamente, imortaliza a figura paterna. Constituindo-se como um substituto alegórico, o livro-totem é um ato de contrição e também uma declaração de amor.

É por isso que a autora afirma: “Esta história é sobre morte.” (FIGUEIREDO, 2018a, p. 168). É sobre morte e também sobre reconciliação. Isabela reconstrói a memória para entender que o pai não era o colonialismo, apesar de carregá-lo consigo. Foi necessário identificar e expressar o ódio para dar lugar ao amor. A intensidade dessa relação pode ser flagrada quando ambos se abraçam no aeroporto, numa situação quase impossível de despedida, representada através de uma sensação de suspensão temporal e de “anulamento do humano” em prol de uma comunhão corporal extrema:

Cap. 35: Nesse momento houve um vácuo de tempo em que não fomos

peças, não tivemos culpas nem prazeres; nada humano – só nós; senti ao longe o odor da sua carne transpirada, ácida e doce, que era a minha, dos seus ombros e rosto, um abraço que não pudemos desapertar nunca; e ainda não, e em nenhum lugar, nunca, porque não era apenas um abraço, mas a aliança invisível, muda, que mantínhamos, à qual fui fiel mesmo quando o traí. (FIGUEIREDO, 2018a, p. 131).

## Os efeitos da escrita: psicanálise individual e psicanálise coletiva

Em entrevista concedida em julho de 2018, Isabela Figueiredo revelou como, depois da morte de seu pai, sua experiência como analisanda e a escrita do *Caderno* favoreceram a revisão do passado e o exorcismo de fantasmas. Ao ser questionada sobre as consequências do processo de “vasculhar a memória”, a autora afirma que sua revolta está apaziguada. Entretanto, se de um lado ela admite não estar mais tão “zangada” com o pai, de outro diz que voltará a escrever outros cadernos, uma vez que, em seu “vulcãozinho”, o magma que sempre tende a retornar relaciona-se com a experiência infantil vivida na África:

Vasculhar a memória, remexer os escombros, sensações. O que fica depois da obra pronta? Dói igual? A revolta é a mesma? A revolta apaziguou. Quando escrevi o *Caderno*, meu pai tinha acabado de morrer e eu pensava obsessivamente nele. Falava com ele sozinha e achei que estava maluca. Comecei a fazer psicanálise freudiana, dura. Fui obrigada a mergulhar fundo dentro de mim. Muitas vezes, enquanto escrevia o livro, cheguei a fechar os olhos como se entrasse num poço de mim mesma para procurar sentir como criança, com os meus olhos de ontem. Quando o livro sai, eu faço o exorcismo dos meus fantasmas. Na revisão para a reedição de 2016, senti uma enorme vontade de branquear a figura do meu pai, o que significava que eu já não estava tão zangada com ele. Isso não aconteceu. Mas vou voltar a escrever outros cadernos. Tendo a voltar sempre a isso. É o meu vulcãozinho. O magma está sempre ali a saltar: África, África, África. (FIGUEIREDO, 2018b).

A declaração da escritora, que aproxima os processos de análise freudiana e de escrita literária, é interessante na medida em que nos permite compreender como a elaboração de narrativas, nos dois casos, pode atuar como possibilidade de expressão de um sofrimento até então indizível – magma que perturba e insiste em retornar – através da linguagem, dando vazão a representações e afetos outrora inarticulados. Não se trata, aqui, de escamotear as singularidades de cada um dos processos – a análise psicanalítica e a escrita memorialística –, mas de afirmar a potência de ambos como via de restauração psíquica através do acesso ao simbólico.

Se a escrita favorece a construção e a reconstrução de sentidos, a partir da ligação entre sujeitos, espaços e temporalidades, a leitura também pode atuar nos processos de ressignificação das experiências vividas. Nas “Palavras prévias”, Isabela Figueiredo fala da comoção dos leitores que se reconheceram em seu relato:

A obra [...] mudou a minha vida, trazendo-me amizades, conhecimentos e

confirmações, aos milhares, e levando-me a lugares onde nunca tinha pensado ir. De um momento para outro, desconhecidos passaram a abordar-me comovidamente, numa quase psicanálise coletiva. “Eu vivi isto.” “Eu fiz aquilo.” “Os meus pais diziam aqueloutro.” “Eu sei perfeitamente o que senti quando...” (FIGUEIREDO, 2018a, p. 10).

Desejo e repulsa ganham contornos mais ou menos nítidos, para a autora e também para os leitores. Daí que a literatura possa exercer, aqui, uma função reparadora, não apenas para a mulher que pode, ao reescrever seu passado, se lançar num processo de conhecimento de si e do mundo, mas também para os inúmeros leitores que, através principalmente de processos identificatórios, permitem-se revisitar suas histórias. Esse movimento, de criação e recriação de vínculos, é descrito por Michèle Petit, especialista no estudo das relações estabelecidas entre sujeito e leitura:

Na leitura há algo mais do que o prazer, algo que é da ordem de um trabalho psíquico, no mesmo sentido de quando falamos em trabalho de luto, trabalho de sonho ou trabalho da escrita. Um trabalho psíquico que permite encontrar um vínculo com aquilo que nos constitui, que nos dá lugar, que nos dá vida. (PETIT, 2013, p. 68).

Escrever o vivido, ler a experiência: os fios que ligam literatura e vida, narrativas e memórias vão estabelecendo uma trama de sentidos sempre moventes que, afinal, dão sentido à nossa existência e nos ajudam a viver.

## Referências

FIGUEIREDO, Isabela. *Caderno de memórias coloniais*. São Paulo: Todavia, 2018a.

FIGUEIREDO, Isabela. Na FLIP, portuguesa Isabela Figueiredo revolve o seu passado /colonial. *Estadão*, São Paulo, 28 jul. 2018b. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,na-flip-portuguesa-isabela-figueiredo-revolve-seu-passado-colonial,70002418891>. Acesso em: 10 maio 2023.

FREUD, Sigmund. *Sobre a sexualidade feminina* (1931). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 371-398. v. 18.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 13-172. v. 6.

LAPLANCHE, Jean. Castração e Édipo como códigos e esquemas narrativos. In: LAPLANCHE, Jean. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano* (2000-2008). Trad. de Vanise Dresch e Marcelo Marques. Porto Alegre: Dublinense, 2015, p. 280-287.

PETIT, Michèle. A leitura reparadora. In: PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Trad. de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 65-81.



ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. Totem e tabu. *In*: ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Trad. de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 756-760.

## NOTAS DE AUTORIA

**Rejane Vecchia da Rocha e Silva** (rejane.vecchia@usp.br) é Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e professora de Literaturas Africanas de Literaturas de Língua Portuguesa na mesma instituição. Atua na graduação e na pós-graduação e é vice coordenadora do PPG em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa e do PPG Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades. Atualmente é Diretora do CELP (FFLCH/USP) e é vice coordenadora do Núcleo de Apoio à Pesquisa Brasil-África: Novos Horizontes (FFLCH/USP).

**Vima Lia de Rossi Martin** (vima@usp.br) é Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e professora de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na mesma instituição. Atua na graduação e na pós-graduação e é coordenadora do PPG em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, membra do Núcleo de Apoio à Pesquisa Brasil-África (USP) e do GT Literatura e Ensino da ANPOLL. Publicou artigos em revistas nacionais e internacionais e também em livros.

### Agradecimentos

A Filipe Palermo, psiquiatra e psicanalista que contribuiu para a primeira versão do artigo em 2018.

### Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

ROCHA E SILVA, Rejane Vecchia da; MARTIN, Vima Lia de Rossi. Uma leitura psicanalítica do *Caderno de memórias coloniais*, de Isabela Figueiredo. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 28, p. 01-12, 2023.

### Contribuição de autoria

Rejane Vecchia da Rocha e Silva: Concepção, análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.

Vima Lia de Rossi Martin: Concepção, análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.

### Financiamento

Não se aplica.

### Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

### Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

### Conflito de interesses

Não se aplica.

### Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 Internacional](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

### Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

### Histórico

Recebido em: 17/05/2023



Revisões requeridas em: 01/09/2023  
Aprovado em: 11/09/2023  
Publicado em: 30/10/2023

